★★★★

COLLEZIONI PRIVATE

Nathalie du Pasquier
Kunsthalle Lissabon,
Lisboa, até 15 de abril

A ideia de portabilidade tem antecedentes decisivos na arte do século XX como na obra de Marcel Duchamp, Marcel Broodthaers ou, de maneira diferente, em Joseph Cornell. Esse 'levar consigo' está intimamente ligado à definição de um conjunto de afinidades eletivas ou de marcas de um percurso pessoal. Qualquer coisa disso viaja ainda na obra de Nathalie du Pasquier (Bordéus, 1957), artista francesa de longa residência italiana, cuja obra tem um fundo omnívoro de absorção e reinterpretação de referências estéticas oriundas de programas de vários movimentos e personalidades artísticas, da abstração à pop, ou de campos como a banda desenhada, o design ou a arquitetura. Na Kunsthalle mostra uma "Collezioni private" composta por desenhos e peças de parede que, por vezes são polípticos que podem fechar-se e que sendo tridimensionais remetem claramente para a pintura. As últimas organizam sugestões arquitetónicas, de interiores e exteriores, mas nunca perdem um índice de abstração que enfatiza a natureza da sua estrutura. Já os desenhos são mais restritos cromaticamente e mais concentrados naquilo que representam como se funcionassem como reservatórios sintéticos de memória e correspondessem a um qualquer processo de conservação. Nathalie interessa-se pela natureza dos fluxos de contaminação estética, pelo modo como eles revelam e transportam códigos sociais e culturais que os transcendem ou cruzam a forma estática como organizamos as artes. As relações que as esculturas/pinturas estabelecem com os desenhos são um potencial ponto de partida para especulações que partem da tangibilidade de umas e do carácter quase evanescente dos outros e podem entender-se como projeções dos mecanismos subliminares da memória e, também, estas sedutoras exposições em miniatura parecem resultado do que fica por entre o que se vai definitivamente. / **C.M.**